



BOLETIM 660

Brasília, 3 de outubro de 2018

Não é reforma. É desmonte!



Centrais se reúnem e reafirmam defesa da Previdência pública

As Centrais CUT, Força Sindical, UGT, Intersindical, CTB, Nova Central, CSB e CSP-Conlutas se reuniram nesta terça (2), em São Paulo, para traçar as ações de resistência às indicações do governo Temer sobre colocar a reforma da Previdência em votação após as eleições.

Os dirigentes divulgaram uma nota conjunta, em que reafirmam: “Se o governo insistir em atacar a Previdência Social Pública, o Brasil irá parar mais uma vez”. Conheça a íntegra da nota.

EM DEFESA DA APOSENTADORIA PÚBLICA

Se botar pra votar, o Brasil vai parar!

Reunidas nesta terça-feira, 02 de outubro, as Centrais Sindicais CUT, Força Sindical, UGT, CTB, Nova Central, CSB, CSP-Conlutas e Intersindical reafirmaram sua posição contrária a qualquer proposta de reforma que fragilize, desmonte ou reduza o papel da Previdência Social Pública.

Em 2017, fizemos uma Greve Geral que mobilizou mais de 40 milhões de trabalhadores e trabalhadoras em defesa da aposentadoria.

Se o governo insistir em atacar a Previdência Social Pública, o Brasil irá parar mais uma vez.

Não aceitaremos que a classe trabalhadora pague mais uma vez a conta. Não aceitaremos o desmonte e entrega da Previdência Social para o sistema financeiro.

A sociedade deseja paz, liberdades democráticas, segurança e respeito aos seus direitos, que só virão com a garantia do emprego, salário digno e do acesso a direitos fundamentais como saúde, educação e aposentadoria digna.

São Paulo, 02 de outubro de 2018.

Fonte: Agência Sindical



Centrais chegam unidas à reta final. Mas agenda perde peso, diz consultor

Em resposta às agressões da extrema direita, as Centrais Sindicais produziram duas Notas unitárias na semana passada. A primeira alertava sobre o risco-Bolsonaro, cuja proposta trabalhista é radicalmente neoliberal. A segunda repudiava a fala do candidato a vice na chapa do PSL, que pregou o fim do 13º salário e do abono de férias.

A unidade pode ser considerada uma vitória, destaca o consultor sindical João Guilherme Vargas Netto. Mas não basta. Ele aponta que faltou reforçar a Agenda Prioritária da Classe Trabalhadora, aprovada pelas Centrais e o Dieese, dia 6 de junho. "Alguns candidatos até prometem revogar a lei trabalhista. Mas os 22 pontos da Agenda não tiveram a repercussão à altura de seu potencial", ele comenta.

Seu mais recente artigo (Votar bem e buscar votos) diz: "Está em jogo o respeito aos direitos trabalhistas, está em jogo a possibilidade de revogar a lei trabalhista celerada, está em jogo a eleição de candidatos comprometidos ou simpáticos à nossa Agenda de 22 pontos, está em jogo o respeito à nossa realidade sindical e aos meios reais de fortalecimento dos Sindicatos, está em jogo a valorização da democracia e do voto, guiada pela vigência plena da Constituição".

Mulheres - Seu texto exalta a resistência feminina. "As mulheres nos deram um exemplo forte com o "#EleNão", comenta Vargas. Ele escreve: "Cada dirigente sindical e cada ativista deve orientar seus representados nas empresas,

nas redes sociais e nas discussões apoiando-se na liderança que conquistaram ao longo das lutas diárias que travaram em conjunto". E completa: "Não é possível chutar pro mato, porque o jogo é de campeonato. É preciso votar, votar bem e buscar votos".

Recomendação - Há uma velha polêmica se o dirigente deve ou não indicar o voto. João Guilherme Vargas Netto pondera: "Se o dirigente construiu sua liderança junto com a base, na defesa dos direitos da categoria, não há problema em revelar a sua cola, indicando em quem ele irá votar ou mesmo recomendar em quem não votar".

Fonte: Agência Sindical

Mourão ignora Bolsonaro e volta a atacar 13º salário

O general da reserva Hamilton Mourão, candidato a vice-presidente na chapa de extrema-direita liderada por Jair Bolsonaro, voltou a criticar 13º salário dos trabalhadores nesta terça-feira (2).

"O 13º eu simplesmente disse que tem que ter planejamento, entendimento de que é um custo. Na realidade, se você for olhar, seu empregador te paga 1/12 a menos [por mês]. No final do ano, ele te devolve esse salário. E o governo, o que faz? Aumenta o imposto para pagar o meu. No final das contas, todos saímos prejudicados", disse Mourão a jornalistas no aeroporto de Congonhas (SP).

Durante palestra no Rio Grande do Sul há uma semana, Mourão chamou o 13º de "jabuticaba brasileira", uma "mochila nas costas dos empresários" e "uma visão social com o chapéu dos outros". A declaração provocou uma crise na chapa conservadora e Mourão chegou a ser repreendido publicamente por Bolsonaro.

CNI: emprego na indústria fica praticamente estável

O emprego na indústria ficou praticamente estável em agosto, informou nesta terça-feira (2) a CNI. Houve pequena retração de 0,1% frente a julho, na série com ajuste sazonal. Segundo a CNI, o rendimento médio do trabalhador e a massa real de salários também caíram em agosto mostrando a piora no mercado de trabalho.

De acordo com a pesquisa Indicadores Industriais, o rendimento médio real dos trabalhadores da indústria diminuiu 0,4% em agosto na comparação com julho, na série de dados dessazonalizados. Foi a quinta queda consecutiva do indicador, que acumula redução de 1,8% de janeiro a agosto em relação ao mesmo período do ano passado.

Já a massa salarial, que é a soma de todos os vencimentos pagos aos trabalhadores, caiu 0,8% em agosto frente a julho, na série com ajuste sazonal, e acumula perdas de 1,4% de janeiro a agosto em relação ao mesmo período de 2017.

O faturamento da indústria mostra tendência mais clara de recuperação, segundo a CNI. O indicador cresceu 2,5% em agosto na comparação com julho na série dessazonalizada e acumula uma alta de 5,5% de janeiro a agosto frente ao mesmo período de 2017.

As horas trabalhadas na produção aumentaram 1% em agosto na comparação com julho na série com ajuste sazonal. De janeiro a agosto, o indicador acumula aumento de 0,8% em relação ao mesmo período de 2017.

A utilização da capacidade instalada ficou em 78,1% em agosto, 0,5 ponto percentual acima do registrado em julho.



Bens intermediários causam queda de 0,3%

A produção industrial brasileira caiu 0,3% na passagem de julho para agosto deste ano. Essa é a segunda taxa negativa consecutiva do indicador, que acumula queda de 0,4% em dois meses. O dado é da Pesquisa Industrial Mensal, divulgada nesta terça-feira (2), no Rio de Janeiro, pelo IBGE.

Apesar disso, a produção industrial apresentou altas de 3,8% na média móvel trimestral, 2% na comparação com agosto do ano passado, 2,5% no acumulado do ano e 3,1% no acumulado de 12 meses.

A queda de julho para agosto foi provocada pelos bens intermediários, isto é, os insumos industrializados usados no setor produtivo (-2,1%), e pelos bens de consumo semi e não duráveis (-0,6%).

Bens de capital - Paralelamente, tiveram alta os bens de capital, isto é, as máquinas e equipamentos (5,3%), e os bens de consumo duráveis (1,2%).

O IBGE disse que 14 das 26 atividades tiveram recuo na produção de julho para agosto, com destaque para o setor de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, que recuou 5,7%. Outro setor com queda significativa foi o de bebidas (-10,8%).

Fonte: Agência Brasil



Em 2017, salário médio dos homens foi 17% maior que o das mulheres

Na comparação com o salário médio dos homens, em 2017, as mulheres encerraram o ano ganhando 17,46% a menos que os trabalhadores do sexo masculino, revelam os dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério do Trabalho, divulgados na sexta-feira (28). A discrepância salarial acompanhada da divisão de gênero reflete um conjunto de práticas culturais, segundo o diretor técnico do Dieese, Clemente Ganz Lúcio.

Em entrevista à jornalista Marilu Cabañas, da Rádio Brasil Atual, o diretor técnico destacou que em muitas gestões é comum que as práticas salariais adotadas para as mulheres sejam menores, apresente desvantagens na permanência dentro do mercado de trabalho, restrinja sua participação em ocupação de baixa remuneração e relativize a cultura do trabalho duplo e de cuidados.

"Isso as afastam destas condições de igualdade de presença no mercado de trabalho e essa desigualdade acaba conferindo a elas a desigualdade salarial", avalia Clemente sobre o levantamento, que indica o fechamento do salário dos homens em R\$ 3.181, enquanto o das mulheres em R\$ 2.708, 85,1% da remuneração masculina.

Para ele, a lenta variação positiva que o Brasil vem apresentando, com um crescimento de 1,8% no salário das mulheres na comparação com 2016, passa pela criação de condições objetivas, culturais e que permitam a ascensão da força feminina no mercado de trabalho.

Fonte: Rede Brasil Atual

BOLETIM CONTRICOM

Presidente

ALTAMIRO PERDONÁ

Secretário Geral

MIRALDO VIEIRA DA SILVA

Secretário de Finanças

AROLDO PINTO GARCIA

Secretário para Assuntos de Comunicação

WILSON GERALDO SALES DA SILVA

Redação e Edição

INSTITUTO DOIS CANDANGOS